



Travessia

IMPRESSO ESPECIAL
CONTRATO
Nº 9912255714
ECT/DRIMG/CENTRO
APESJF SSind. PUBLICAÇÕES

Novembro especial/2010
Nº 71

A 1980

30 anos de uma greve histórica



Última assembleia da greve de 1980. Professores saíram vitoriosos nas reivindicações e na percepção da necessidade de entidade organizativa nacional

A história do primeiro movimento nacional dos docentes das IFES, pág, 3

Entrevista com Márcio Antônio de Oliveira, presidente da APESJF em 1980, pág 4

Editorial

Há 30 anos, os professores da UFJF realizavam sua 1ª greve, articulando-se, em âmbito nacional, com aproximadamente 20 entidades reunidas sob a Coordenação Nacional de Associações de Docentes. Ainda sob o autoritarismo dos governos militares, essa greve demonstrou a capacidade de organização docente, cuja expressão mais significativa foi a construção de um sindicato nacional que, até os dias de hoje, continua atuando na defesa da Universidade Pública e de seus trabalhadores.

Nossas reivindicações estavam entrelaçadas ao processo de democratização do país, que intensificava seus movimentos em torno de um projeto societário disposto a aprofundar a participação política, a ampliar os direitos sociais e a atender aos interesses dos grupos e classes historicamente subalternizados, por um crescimento econômico dependente e submisso ao capital internacional.

Naquele contexto, as lutas de caráter econômico-corporativo dos docentes traziam propostas que também apontavam para a produção de uma universidade pública referenciada na soberania do povo brasileiro. Para isso, os docentes propunham o avanço do desenvolvimento científico e tecnológico articulado a um projeto educacional em que a universidade pública adquirisse centralidade na formulação de políticas de Estado.

Trinta anos se passaram. A greve, instrumento legítimo utilizado pela classe trabalhadora para reivindicar direitos e afirmar princípios políticos, ainda se coloca como uma das alternativas a luta. Momento importante de organização, a greve trouxe consigo a reafirmação da identidade coletiva, onde os sujeitos reunidos debateram, apresentaram seus diferentes pontos de vista e decidiram sobre os rumos que fizeram a universidade e o movimento docente serem o que são hoje.

Foi assim há trinta anos. Que a história escrita pelos nossos companheiros daquela época, por meio da atividade grevista, seja referência para as lutas que temos que enfrentar hoje.

Em sua primeira greve, docentes



Assembleia em 1980: docentes saíram fortalecidos como sindicato e cientes do poder da mobilização



“Hoje 30 anos depois, celebramos um momento de grande significado, seja pela identidade do ANDES e da APESJF como instituição sindical, de grande valor, seja pela união dos professores em defesa da universidade pública, gratuita e comprometida com o

ensino, a pesquisa e a extensão, enquanto veículos de formação íntegra e de exercício de cidadania.

Hoje, diante de novas tendências de expansão mercadológica, via instituições centradas na educação, estamos diante do desafio de enfrentarmos nossa participação no movimento sindical, fazendo do ANDES um sindicato mais forte, democrático e atuante, dos professores, para os professores, objetivando uma sociedade mais justa, humana e democrática, comprometida com a inclusão social”.

Oscavo Homem de Carvalho - aposentado



Jornal da APESJF em 1980

Em primeira greve, a universidade completa 30 anos de governo do Figueiredo, a universidade escolas isoladas reivindicando retroativo a Congresso da Carreira do

União

Os Fora foram de entrarem em ano, já tinham paralizações em junho, depois antes da defl que perdurou 11/12/1980. foram realiza painéis e con

Já a universidade atividades e o mantiveram permanente, evolução das de representa Brasília e no “Havia uma docentes e um enfrentament governo que

Agit

O an do ano de 19 sindical, com últimos anos demandando mobilização. em agosto de militantes ca e a pressão p crescia.

Em mobilização ABCD pauli movimento s desde 1964. que paralisou metalúrgicos metalúrgicos Estádio da V deflagração

Expediente

Travessia é uma publicação mensal da Associação dos Professores de Ensino Superior de Juiz de Fora - APESJF/SSind.

- Rubens Luiz Rodrigues - Educação - Presidente
- Paulo César de Souza Ignácio - IFET/JF - Vice Presidente
- Paulo Roberto de Castro Villela - Engenharia - Secretário Geral
- Zuleyce Maria Lessa Pacheco - Enfermagem - 1ª Secretária
- Maria de Fátima G. M. Kalil Patricio C.A. João XXIII - 2ª Secretária
- Ana Livia de Souza Coimbra - Serviço Social - 1ª Tesoureira
- Marilene Schelgshorn dos Santos de Sansão - Inativo - 2ª Tesoureira

Redação e diagramação: Daniel Goulart / e projeto gráfico: Luiz Felipe Falcão / Jornalista responsável: Daniel Goulart - Reg. 6083 DRT MG / Tiragem 1000 exemplares / Campus da UFJF, bairro Martelos, CEP 36036-900 Tel/Fax: (32) 3215-1286 / Homepage: apes.org.br E-mail: apesjf@acessa.com

Professores saíram fortalecidos como categoria

em novembro 2010, a greve dos docentes das universidades públicas brasileiras completou 30 anos. Ainda sob o comando do general ditador dos professores de 19 anos, as autárquicas e sete universidades cruzaram os braços. O reajuste de 48% em março; envio ao Congresso do anteprojeto de Lei do Magistério; revogação

da lei que determinava a nomeação de reitores pelo Presidente da República e aplicação de 12% do orçamento da União para a educação, pautas que ainda fazem parte da luta dos docentes.

Após 25 dias de movimento - ainda que sob a ditadura, os governos davam respostas mais rápidas e sensíveis aos movimentos docentes - os professores conseguiram a aprovação de decreto

estabelecendo novo plano de carreira do magistério superior das IFES Autárquicas e reequilíbrio dos docentes; reajuste de 35% para janeiro de 81 e 35% cumulativos em abril, resultando em 82,25% de aumento para os servidores.

Uma grande vitória para a primeira mobilização nacional da categoria.

União e coesão dos professores em JF

professores de Juiz de Fora nos primeiros do país a fazer greve em 1980. Naquele ano, foram realizadas três assembleias na UFJF, a primeira em setembro e novembro, a segunda durante a greve total, entre 14/11 e 15/11. Nestas paralisações ocorreram diversos eventos culturais, reuniões e conferências.

durante a greve, a greve paralisou 98% das aulas. Os docentes se reuniram em assembleia acompanhando as negociações por meio de representantes da APESJF em negociações com o Congresso Nacional. A unidade muito forte dos docentes em sentido de luta foi muito clara com o objetivo de fazer greve era ilegal e

inconstitucional. Por outro lado havia um sucateamento muito grande em termos de salário e verbas", afirma Carlos Alberto Hargreaves Botti, docente que integrou o Comando de Greve à época.

Durante a paralisação, os professores comunicaram os motivos da greve e angariaram o apoio da comunidade, de políticos, de sindicatos e de entidades de Juiz de Fora. Manifestações organizadas pelos docentes reuniram centenas de professores na rua Halfeld e a APESJF, em conjunto com as ADs de todo o país, pressionava políticos e autoridades a atenderem às reivindicações.

"Era um clima nacional muito confuso já que havia uma mistura de abertura e redemocratização com um resquício

ditatorial muito forte", conta Hargreaves, que relembra ainda o clima político de embate no caso da queda do Ministro da Educação Eduardo Mattos Portela.

Na época, Portela se disse "estar" e não "ser" ministro, fato que levou a sua demissão. "Neste momento, nomeia-se um general que apresenta um conjunto de soluções que dá fim à greve", relembra.

Com o fim da paralisação e com a maior parte das reivindicações atendidas, celebrou-se a vitória também da união e coesão dos docentes que mostraram força e organização em seu primeiro grande movimento.

As assembleias muito participativas se mostraram mais experientes e democráticas durante a greve. Nascia ali um sindicato mais forte.

"A primeira greve deu muito medo (ainda sob os destroços da ditadura) e muita excitação (de novidade e libertação). Convencime, diante dos alunos que protestavam contra a falta de aulas, que a Greve, naquele momento, era a maior aula de cidadania que poderíamos dar".

Carlos Alberto Tarchi Crivellari-aposentado

Organização sindical marcou a época

ambiente sócio político em 1980 era de agitação política sob a ditadura em seus aspectos econômicos e com a sociedade civil organizada e lutando pela anistia, concedida em 1979 trazia políticos e militares de volta ao país pela redemocratização

em março, uma grande greve dos metalúrgicos no Rio de Janeiro deflagra o maior movimento social de trabalhadores. Uma greve de 40 dias com milhares de participantes. Havia 100 mil trabalhadores em assembleia no Rio de Janeiro para a greve. Dia sim, dia

não, reuniam-se ali, em assembleia, cerca de 80 mil trabalhadores em média. A greve demonstrava a capacidade de organização e de liderança dos novos dirigentes sindicais.

A despeito de sua aparente derrota, a greve dos metalúrgicos inaugurou uma nova era em que a pressão pelos direitos sociais aumentava ao mesmo tempo em que o país via o surgimento de uma organização inteiramente nova, distinta do sindicalismo pré 1964.

Neste contexto, a greve dos docentes de 1980 surgiu como um fato desencadeador da fundação de um sindicato nacional dos docentes das universidades, já que ficou clara a necessidade de articulação do movimento num nível mais amplo,

que pudesse coordenar nacionalmente as Associações de Docentes, que desde 1976 vinham nascendo nas universidades brasileiras.

O embrião da ANDES já havia sido plantado em fevereiro de 1979 no 1º Encontro Nacional de Associações de Docentes.

Em outubro do mesmo ano, realizava-se a primeira reunião da Coordenação Nacional das Associações de Docentes, entidade que atuou durante toda a greve de 1980 e que se transformou, em fevereiro de 1981, na Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior.

Um sindicato fundado na luta.



Professor André Pedro Hallack fala em assembleia da greve de 1980



Na assembleia de encerramento da greve, ambiente era festivo



Em primeiro plano, o professor Carlos Alberto Hargreaves Botti



O professor Márcio Antônio de Oliveira era o presidente da APESJF durante a greve dos docentes em 1980. Na entrevista ele fala sobre o clima político da época e da importância da mobilização dos docentes na busca por melhores condições de trabalho e na defesa da educação.

1 - A greve dos professores das universidades em 1980, que agora completa 30 anos, se deu em meio a um contexto de grande agitação, com os metalúrgicos envolvidos em uma grande greve, o fim da ditadura e uma movimentação intensa. Fale sobre o ambiente político nacional da época.

No final da década de 70, a crise mundial do capital produzia os seus estragos no Brasil. O modelo econômico da ditadura militar começava apresentar graves contradições favorecendo a ação dos trabalhadores na luta pelos seus direitos, dentro de uma nova concepção de independência e autonomia sindical, contra o modelo de sindicato oficial oriundo do getulismo. Mas, não era só isso: era a luta pela redemocratização, pela anistia, pelas liberdades, por um projeto de reconstrução social para todos os brasileiros. A universidade brasileira, como parte integrante desse contexto, sofria duramente a ação da ditadura. Por isso, era natural que o movimento docente se organizasse nesse quadro de efervescência, primeiro com as ADs - Associações de Docentes - e depois com a fundação da ANDES - Associação Nacional de Docentes do Ensino Superior, em 1981, tendo no horizonte a defesa dos professores e da educação pública e gratuita em todos os níveis, não isoladamente, porém em articulação com o conjunto dos movimentos sociais, em especial os trabalhadores brasileiros.

2 - E em Juiz de Fora, qual era o sentimento e o clima político-social?

Nossa cidade tem suas origens ligadas não só agricultura cafeeira, mas também à indústria têxtil na República Velha, a partir do final do século XIX. Temos uma forte tradição de trabalho, organização sindical, além da tradição cultural e de respeitada rede educacional. Sempre tivemos forte ligação com o movimento político nacional. Então, o que acontecia no Rio e em São Paulo, nossos principais centros, repercutia na nossa terra. Dessa forma, participamos do movimento docente e de todas as manifestações pela redemocratização do país, luta pela anistia, pelas "diretas, já", pela democratização da universidade e pela constituinte. Não havia, portanto, solidão na luta, pois a luta era de todos.

3 - Sobre a greve em si, como foram a adesão, as discussões, a comunicação interna e com outras ADs?

Logo no começo do segundo semestre de 1980, realizamos um ENAD - Encontro Nacional de Associações de Docentes no Rio de Janeiro que deliberou pela convocação de um congresso de professores universitários para fevereiro de 1981, no qual seria fundada a ANDES. Dessa maneira pode ser dizer que, naquele momento, havia um acúmulo organizativo considerável entre os professores. A pauta geral de lutas dizia respeito tanto às IES públicas quanto às privadas, tendo como

pontos centrais: defesa do ensino público e gratuito, democratização da universidade e reivindicações trabalhistas e salariais. Assim, no final de 1980, professores de dezenove universidades autárquicas e sete IES isoladas entraram em greve. A adesão deu-se gradativamente sendo que a nossa foi uma das primeiras. Reivindicávamos reajuste de 48% retroativo a março, envio ao Congresso de anteprojeto de Carreira do Magistério, revogação da lei que determinava a nomeação de reitores pelo Presidente da República e 12% do Orçamento da União para a educação. Foram vinte e seis dias de greve entre os dias 16 de novembro e 12 de dezembro com resultados auspiciosos: aprovação do decreto estabelecendo novo plano de carreira do magistério superior das IFES Autárquicas e reenquadramento dos docentes, reajuste de 35% para janeiro de 1981 e 35% cumulativos em abril do mesmo ano. Quanto à greve, éramos inexperientes, só havíamos realizados duas paralisações de um e de dois dias. Porém, contávamos com o entusiasmo, a coragem dos professores. E a comunicação era "primitiva", só por telefone. Muitas vezes, os relatórios dos nossos delegados eram dados por telefone e gravados para depois serem transcritos e distribuídos na assembleia. Às vezes, a gravação entrava direto na assembleia. Fazíamos a democracia e estávamos orgulhosos de estar construindo uma nova universidade e descobrindo uma nova realidade, a dos que trabalham e por seu trabalho fazem avançar uma nova sociedade.

4 - Quais foram as conseqüências desse movimento para a UFJF e para o sindicato? Como a cidade reagiu?

A conseqüência principal foi, a partir de então, a intervenção na vida da universidade. Passamos a discutir não apenas a carreira, as verbas para a educação, mas os grandes problemas nacionais; colocamos a universidade articulada com o que estava acontecendo no Brasil,

pautamos a democracia interna, cobramos a Estatuinte, a eleição de reitores pelo voto da comunidade e muitas outras questões do interesse da universidade. Quanto à reação da cidade, esta foi de apoio e empatia com o que estava acontecendo no seu principal centro educacional, isto porque a própria sociedade local se atualizava e acompanhava o que estava ocorrendo de transformações no país. Penso que tanto para nós quanto para a população de um modo geral havia o sentimento de descoberta: são professores, mas vivem agruras de quem trabalha e luta; não são donos de empresas, não é a elite do dinheiro. Merecem respeito! Hoje, com tanto individualismo, busca de produtivismo, domínio do capital e disseminação do capitalismo acadêmico, penso que seria necessário tomar contato com o que vivemos há 30 anos e quem sabe redescobrir as nossas origens.

5 - Muitos defendem que as greves dos anos 80 e 90 foram as responsáveis pela manutenção do caráter público e gratuito das universidades brasileiras. Você concorda com essa afirmação?

É evidente que as greves, e foram muitas, mantiveram o ensino público e gratuito. Foram incontáveis as investidas no governo Figueiredo, na Nova República, com Sarney na Presidência e, a partir de Collor de Mello com a implementação do neoliberalismo, passando por FHC e chegando aos dias atuais. Muitas vezes, não se falava contra o ensino público, usava-se, porém, como escape o recurso da regulamentação da autonomia universitária. Outras vezes, o recurso era investir contra a gratuidade, alegando-se que a maioria dos alunos podia pagar. Foram inúmeros os movimentos de greve vitoriosos tendo à frente o ANDES-SN, sindicato em que se transformou a ANDES, com a permissão da sindicalização dos servidores públicos, na Constituição de 1988. Hoje, a despeito da expansão das universidades públicas, quase noventa por cento do alunato está nas

universidades e estabelecimentos privados e o governo ainda compra vagas nessas instituições porque não oferece vagas suficientes nas instituições públicas. Outra forma de privatização é a submissão da universidade pública à lógica de mercado, via legalização das fundações privadas, ditas de apoio, é a submissão da carreira docente, conquistada na histórica greve de 1987, aos interesses mercadológicos, conforme proposta do atual governo. Da mesma forma, não se pode atrelar a universidade aos critérios de produtividade semelhantes aos de uma empresa. Não produzimos bens materiais, produzimos ciência, arte, cultura, com certeza numa dimensão de tempo muito ampla. E isso tem que ser feito com autonomia, democracia e responsabilidade, para atender todo o povo brasileiro. Se não for assim, é tudo, menos uma universidade.

6 - O movimento sindical sofre hoje com ataques a sua autonomia e o individualismo crescente da sociedade. Como reverter esta situação? Os mais antigos devem se reinterpretar. Os mais novos devem procurar saber o que aconteceu, como chegamos até aqui. Enfim, todos devem saber que para ser parte de uma comunidade é preciso integrar-se a um projeto coletivo que não esteja apenas tangenciado com a realidade. Esse projeto tem seu marco inicial na organização da classe dos que fazem, trabalham e constroem. A organização sindical é uma das expressões dessa organização, não pode estar atrelada a partidos ou a governos, muito menos a qualquer padrão. Esse projeto deve vincular-se à história, do nosso povo e do nosso país, para concluirmos que o avanço só é possível com liberdade e democracia, autonomia e independência de classe. É melhor acreditar na utopia e sempre estar a persegui-la do que acreditar apenas em si e nunca ultrapassar os limites da sua própria ilha. Portanto, só há um caminho que é o de atualizar a luta. E continuá-la, sempre!

